

ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL
INSTITUTO JUNGUIANO DO RIO GRANDE DO SUL

O COMPLEXO MATERNO E A PERSONALIDADE *PUER*
THE MATERNAL COMPLEX AND PERSONALITY *PUER*

JOYCE LESSA WERRES

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Analista Junguiano
pelo Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul,
da Associação Junguiana do Brasil.

Orientador: PAULA PANTOJA BOECHAT

Porto Alegre, 14 de maio de 2010.

"Nenhuma circunstância exterior substitui a experiência interna. E é só à luz dos acontecimentos internos que entendo a mim mesmo. São eles que constituem a singularidade de minha vida". C. G. Jung

"A cura é um paradoxo que requer dois incomensuráveis: o reconhecimento moral de que essas partes em mim são pesadas e intoleráveis, precisando mudar justamente com a aceitação amorosa e risonha que as receba exatamente como são, com alegria e para sempre". Hillman

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
1.1 ABSTRACT	6
2 DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE.....	7
2.1 ARQUÉTIPO E MITO	11
2.1.1 COMPLEXOS E LIBIDO.....	14
2.1.2 COMPLEXO MATERNO	21
2.2 A PERSONALIDADE <i>PUER</i>	24
3 DISCUSSÃO	28
4 CONCLUSÃO	35
5 BIBLIOGRAFIA	40

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa investigar a relação existente entre o complexo materno e as variações da personalidade do tipo *puer*. Este estudo torna-se relevante em função de observar-se, com grande frequência, tanto em homens quanto em mulheres, uma dificuldade em ingressar na vida adulta, implicando no adiamento do cumprimento das exigências da vida. Neste sentido é feita uma reflexão sobre duas causas que mantêm o sujeito regredido: a necessidade de manutenção do conforto no mundo da mãe e o medo da confrontação com este conflito psíquico.

A realização deste trabalho foi inspirada na observação clínica da autora que constatou ser comum a dificuldade que o adulto portador de um complexo materno negativo encontra para organizar sua vida adulta. Observa-se que muitas vezes, mesmo que o sujeito tenha construído uma idealização da figura da mãe e entenda a relação a partir desse ideal, há um efeito negativo em sua vida, pois ele fica preso no complexo materno. Nessa observação e estudo foi levada em consideração a forma como o adulto, que apresenta um comportamento *pueril*, enfrenta sua vida pessoal, afetiva e profissional.

Para tal, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, das obras completas de C. G. Jung e de diversos autores que utilizam o referencial junguiano.

Palavras-chave: complexo materno, *puer*, puela

1.1. ABSTRACT

This work aims at to investigate the existing relation between the maternal complex and the variations of the personality of the *puer* kind. This study is relevant in terms of observations in men and also women, of a great difficulty in entering the adult life, implying in the adjournment of the fulfillment of the requirements of life. In this direction it is necessary to make a reflection on two things that keep the person in a childlike position: the necessity of maintenance of the comfort in the world of the mother, and the fright to works through this psychic conflict.

This work was inspired in the clinical observation of the author evidencing how common is the difficulty that the carrying adult of a negative maternal complex finds to organize its adult life. For this study it was taken in to consideration the way the adult, who presents a pueril behavior, faces its personal, affective and professional life. For such, the bibliographical research was used, from the collected works of C. G. Jung, and from many authors who use the jungian view.

Key Words: maternal complex, *puer*, *puela*

2. DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Para iniciar esta reflexão, torna-se importante salientarmos algumas questões relativas ao desenvolvimento da personalidade. No início da vida, apesar de ser ativo, o bebê está numa relação de identidade com a mãe - estágio apontado por Neumann (1990) de *urubórico* - caracterizado por um pré-ego, que consiste em um estado de onipotência infantil, de uma falta do sentido de limite, numa etapa caracterizada pela inconsciência e pelo desejo de fusão com a mãe. Esse período diz respeito a uma fase denominada como *Participation mystique*, termo tirado na obra do antropólogo Lévy-Brühl. Usava-o para se referir a uma forma de relacionamento no qual o sujeito não pode distinguir-se do objeto. Jung usou esse termo partir de 1912 para referir relações entre *pessoas* em que o sujeito, ou parte dele, obtém uma influência sobre o outro, ou vice-versa e, empregou-o como sendo a condição psíquica da criança que vive em um estado de identificação com o ambiente psíquico dos pais. Jung (apud Samuels, Shorter e Plaut, 1988) entende que na psicologia de um bebê, ele existe em um estado de identidade com seus pais e, em particular, com sua mãe. Isto é, ele participa da vida psíquica de seus pais, e de si próprio tem pouca ou nenhuma noção.

Os mecanismos psicológicos primários, ou primitivos, levam a um estado de identificação com o outro e exigem mecanismos intrincados para que o ego possa desenvolver-se. A divisão é um destes mecanismos e refere-se à separação em relação à imagem da mãe, referida como “mãe-dual” por ter tanto o aspecto pessoal, como o arquetípico; o real e o simbólico; o bom e o mau (Neumann, 1990).

Essa fase, de indiferenciação, estende-se na criança até, mais ou menos, cinco anos de idade, para depois começar a dar espaço a uma noção maior do *eu*. Contudo, a condição de indiferenciação, na medida em que se estenda pelo decorrer da vida, impossibilita o processo de construção do *eu*. O sujeito que vive em participação mística *mistura-se* ao ambiente em que vive e com aqueles com quem convive. O que ocorre no mundo externo é sentido como sendo dele próprio, pois não há consciência do *eu* separado das outras coisas. Esta é a condição na qual predomina a indiferenciação.

Algumas experiências vividas podem gerar conflitos que mantêm o sujeito preso às situações anteriores. Muitas vezes, a adaptação ao ambiente da infância, dependendo da natureza dos pais, pode exigir um esforço excessivo por parte da criança, que busca ser aceita, causando nela, fortes conflitos emocionais. Para Jung (O.C., vol. IV, 1989) o conflito é a base para a neurose, pois retém a libido em uma situação de “retardamento no desenvolvimento da afetividade” (§ 296). No funcionamento neurótico o sujeito é levado por suas fantasias e, se movimenta em torno de ideias com características infantis.

Se há algo a que podemos nos referir como universal é a família. Em qualquer civilização, em toda a classe social, há uma referência importante feita, pelo indivíduo, à família. Seja de forma positiva ou negativa, todo o ser humano carrega uma ideia de referência familiar. O pai herói ou o pai carrasco, a mãe boa ou a mãe terrível povoam a psique, o imaginário e as emoções humanas. As idealizações e as fantasias são peculiares ao homem. No decorrer da vida existem oscilações entre a idealização dos pais e a decepção com eles e, nessa relação estão envolvidos, além dos pais reais, os pais arquetípicos que produzem consideráveis efeitos emocionais no sujeito. As imagens que o indivíduo carrega de seus pais, ou nos termos junguianos a *imago parental*, é gerada subjetivamente, i. é, o objeto é percebido de acordo com o estado e a dinâmica interna do sujeito. Ao mesmo tempo Jung (O.C., vol. V, 1986) afirma na *imago parental*:

...a priori já estão contidos certos elementos coletivos que não se baseiam em experiências individuais (§ 636).

Assim, vê-se que há uma mescla da subjetividade do sujeito com os conteúdos arquetípicos que dão a tonalidade psíquica na relação com os pais.

Os abusos, os mimos, os cuidados e os descuidos, as vivências em geral ficam impressas no sujeito e emaranham-se às emoções que são produzidas, para moldarem a personalidade. Jung (O.C., vol. V, 1986) sugere que a personalidade se desenvolve a partir da necessidade, seja pela ocorrência de acontecimentos internos ou externos. É sabido que, pela necessidade de aceitação que a criança tem, sua principal tarefa durante a infância é a adaptação às exigências familiares. A partir do nascimento a criança depara com um sistema familiar em funcionamento, repleto de regras e normas das quais passa a fazer parte e é treinado para ajustar-se. Na relação com o meio a criança desenvolve um comportamento coerente com as expectativas que os pais têm a seu respeito. Etimologicamente, comportamento significa *levar em conjunto, transportar para o mesmo*

lugar. Isso faz muito sentido quando nos referimos ao comportamento e à formação da personalidade.

Qual pessoa prescinde dos valores, dos pontos de vista e da visão de mundo apresentada pelos pais? Para tal fato não existe salvação! Inevitavelmente o sujeito carrega em si, enredado aos seus aspectos pessoais, os modelos parentais. A criança tem uma psique extremamente maleável e, desta forma, grande capacidade para absorver as informações que lhe chegam através das figuras educadoras. Aliado a isso, a criança ainda não tem seu psiquismo totalmente desenvolvido e, vive no âmbito psíquico dos pais. Apesar de poderem ser percebidas na criança características peculiares em seu temperamento, ela ainda não tem a consciência desenvolvida. Portanto, as perturbações vividas na infância são decorrentes da conflitiva dos pais. Sob o ponto de vista psíquico, Jung (O.C., vol. V, 1986) afirma que a criança ainda não existe e, é somente a partir da adolescência que a psique começa a ganhar alguma autonomia. A consciência vai se desenvolvendo aos poucos e no decorrer de toda a vida. Por longo tempo, os filhos partilham da forma de pensar e imitam a atitude dos pais. O aprendizado sofrido na infância é, sempre, carregado de afeto e repleto de sentimentos, talvez por isso estenda suas raízes tão profundamente. Jung (O.C., vol. IV, 1989) enfatiza que até o quinto ano de vida – fase mais intensa da absorção dos modelos – acontece uma espécie de contágio psíquico na criança, causado pelos pais na relação afetiva com o filho. A partir daí, a criança adota os referenciais parentais, que muitas vezes entram em conflito com suas predisposições herdadas psiquicamente. Para o autor, a constelação familiar causa um impacto muito forte no psiquismo, gera grande embate na aquisição de autonomia e pode, até, levar à neurose. Acrescenta, ainda, que os modelos parentais atuam como verdadeiras forças demoníacas na alma humana.

Felizmente, a constelação familiar influencia o sujeito, mas não determina o seu caráter. Conforme Jung (O.C., vol. IV, 1989), o homem não nasce tábula rasa,

mas inconsciente. Traz consigo, ao nascer, um sistema psíquico organizado, porém latente, o qual vai se desenvolvendo na interação com o meio. A confiança que a criança deposita no adulto/educador, atua como uma espécie de condutor que transporta as informações, como verdades, para sua vida emocional. A criança é receptiva à influência dos pais e, na maioria dos casos, afasta-se de suas predisposições originais para aderir às imposições da educação. Na medida em que cresce, vão aparecendo e acentuando-se os conflitos entre os conteúdos adquiridos e os originais. Mas, o conflito, ainda que desconfortável, é salutar, pois favorece o surgimento da consciência. Conflito diz respeito ao *ato de atacar em conjunto*. Informações antagônicas atacam o *eu* simultaneamente, causando-lhe consideráveis aflições. Forças psíquicas lutarão entre si, até que uma delas se sobreponha e ganhe espaço na consciência. Se não há conflito não há mudança ou oposição ao mundo dos pais, então se instala o perigo da indiferenciação e da neurose.

2.1. ARQUÉTIPO E MITO

Jung constrói sua ideia de arquétipo como uma estrutura psíquica. Em 1919 Jung introduziu o conceito de arquétipo, aludindo a ideia de que as imagens primordiais humanas são transmitidas ou herdadas. Em seus escritos, caracteriza os arquétipos como “sistemas vivos de reação e prontidão que, por via invisível e, por isso mais eficiente ainda, determina a vida individual” (O.C., vol. VIII, 1991, §. 173).

O arquétipo é um conceito formal, um arcabouço, preenchido com ideias, temas e vivências. A forma do arquétipo é herdada, mas o conteúdo é sempre determinado pela experiência pessoal do indivíduo. É importante, também, salientar que, em suas polaridades, todos os arquétipos contêm, em si, um aspecto sadio e um patológico (O.C., vol. IX-1, 2000).

Para conceituar o arquétipo, Jung (O.C., vol. VIII, 1991) referiu-se a vias herdadas que conferem ao ser humano um padrão de comportamento, como uma espécie de *norma biológica* na atividade psíquica. Pelo arquétipo, percebe-se que há um fator independente da experiência em nossa atividade humana, o qual é estrutural e inato na psique, sendo, dessa forma, pré-consciente e inconsciente. Os arquétipos, por serem estruturas universais, estão imersos no inconsciente coletivo e atuam alternadamente na personalidade do indivíduo. O autor enfatiza que, na infância, logo que começam as primeiras manifestações visíveis da vida psíquica, podem-se observar as particularidades de uma personalidade singular. Têm-se, assim, os aspectos individuais e coletivos funcionando em consonância, i. é, há correspondência entre o inconsciente coletivo e o indivíduo.

Essa correspondência também existe entre os mitos e os arquétipos. Os mitos fazem parte da história da humanidade e são representados por meio de manifestações arquetípicas no indivíduo, isto é, são a expressão do imaginário e a evidência dos arquétipos que, por sua vez, são incognoscíveis em sua totalidade. O que conhecemos do arquétipo são as imagens arquetípicas, que se apresentam ao passarem pelo filtro da consciência e carregam características pessoais e da cultura na qual estamos inseridos. Jung (O.C., vol. XVIII-2, 2000) menciona que o mito tende a transformar-se no decorrer do tempo, quando deixa de ser um objeto de fé.

Para tal, o mito precisa ser recontado para que seja reavivado em uma nova interpretação. Conforme Jung, a introspecção nos insere no mundo mítico e através do mito, entendemos o cotidiano. Os mitos não são ideias, mas produções espontâneas da psique que funcionam como uma espécie de padrão de comportamento mental inerente à natureza humana. Entramos no mito toda vez que em nossa vida nos confrontamos com o que está no inconsciente coletivo. Mito e cotidiano estão entrelaçados e nos tocam por terem características tanto positivas como negativas. Jung considera o mito uma forma de pensamento autônomo e de organização cognitiva do mundo. Nos mitos estão inscritos todo o conhecimento e a vivência que o homem já experimentou, o que se traduz como “desde sempre”. O mito é o emblema da atividade psíquica e a demonstração do inconsciente coletivo e de seus respectivos arquétipos.

Para Boechat (2008) o mito dá conta daquilo que não pode ser expresso pela via do *logos*. Segundo o autor através do mito o homem percorre, numa linguagem simbólica, um caminho na busca do sentido da vida, da existência, da cultura e de si próprio. O mito aproxima o homem de um entendimento de seus questionamentos mais complexos à respeito de sua necessidade de entender a si mesmo no contexto de sua vida. O autor afirma que “os mitos [...] são histórias simbólicas que se desdobram em imagens significativas, que tratam das verdades dos homens de todos os tempos”. (p. 21)

Pelo decorrer de nossa história e em todas as civilizações os mitos brotaram no imaginário humano, construindo histórias. O arquétipo do *Puer* é contado em um desses mitos. *Puer Aeternus* é o nome de um deus da antiguidade. Um deus-criança, o jovem divino que, de acordo com o mistério eleusiano de culto à mãe, veio ao mundo em uma noite para ser o redentor. (Von Franz, 1981). O mito é o acesso possível ao plano arquetípico e através do mitologema o arquétipo imprime um padrão de comportamento.

Conforme Neumann (2001), a psicologia analítica entende o arquétipo como algo dinâmico, com componentes emocionais e simbólicos em sua estrutura. Por dinâmica, entende-se a influência dos arquétipos na psique e sobre nossas emoções, nossos sentimentos e nossas projeções que uma vez ativados, podem tomar conta da personalidade, mesmo sem a aquiescência da consciência. O comportamento humano inconsciente é determinado pela dinâmica do arquétipo. Já o caráter simbólico da psique tem como característica, gerar imagens que atuam profundamente sobre a consciência, suscitando a atenção desta para que seu efeito seja eficaz e gere transformações, impelindo o homem a tornar-se mais verdadeiro.

Jung (O.C., vol. VIII, 1991) refere-se à psique como auto-reguladora, pois ela tende a distribuir sua energia, buscando equilíbrio e levando o indivíduo a tornar-se mais autêntico e realizado. A imagem arquetípica representa e evoca o instinto, e o arquétipo determina a natureza do processo de configuração e o rumo que ele seguirá, objetivando a autorregulação.

Como todo o arquétipo, o da grande mãe tem em suas polaridades, tanto aspectos positivos quanto negativos, que podem apresentar-se de inúmeras formas, revestidos por uma infinidade de imagens. Jung (O.C., vol. IX-1, 2000) menciona que as representações mais características são: a mãe e a avó, a madrasta, a sogra, a ama de leite, mulheres com quem nos relacionamos. No sentido de uma transferência mais elevada temos a mãe de Deus; em um sentido mais amplo a igreja, a terra, a matéria, o mundo subterrâneo, a lua; em sentido mais restrito, o jardim, a gruta, o poço profundo; e restringindo ainda mais temos o útero, as formas ocas, o forno, o caldeirão e o túmulo, entre outros. Assim como os arquétipos, os símbolos também apresentam, em seus extremos, aspectos duais, positivos e negativos. Dessa forma, são atribuídas ao arquétipo da mãe características tanto de acolhimento, cuidado, sabedoria e suporte, como aterrorizantes, obscuras, devoradoras e advindas do *mundo dos mortos*.

Na figura da mãe, a imagem varia conforme a experiência individual, onde a predominância, aparentemente, parece ser a da mãe pessoal. Não obstante, é do arquétipo projetado na mãe pessoal que surgem os efeitos positivos ou negativos que se refletem nesta. Assim, os eventos traumáticos, marcados no indivíduo, dão-se muito mais pelas projeções arquetípicas do que pela relação estabelecida com a mãe real, uma vez que as fantasias, frequentemente superam a ação desta (Jung, O.C., vol. IX-1, 2000).

2.1.1 COMPLEXOS e LIBIDO

Os complexos são entidades psíquicas que atuam fora da consciência e, ao mesmo tempo, em torno da consciência do ego. Quando constelados, ou ativos, podem apontar, no sujeito, seus problemas emocionais mais sérios, sendo capazes de trazer perturbações à consciência. Pela perda de autonomia, imposta pela constelação do complexo, o sujeito reage de forma bastante previsível evidenciando, sempre, em seu comportamento, uma reação emocional como resposta, fazendo com que perca o controle sobre si próprio. Dessa maneira agirá por impulso e irracionalmente, vendo-se, assim, impotente para abster-se deste comportamento, pois uma força intrapsíquica o leva à ação.

Conforme Salles (2008) os complexos tem “uma finalidade, uma função teleológica”, que atuariam como fontes para a canalização da energia psíquica. De acordo com o autor os complexos afetivos são conteúdos do inconsciente pessoal e formam o lado pessoal e privado da vida psíquica. O núcleo desses complexos afetivos conteria não só essa carga emocional como também uma qualidade essencial que lhes é própria e que levou Jung à formulação das hipóteses das imagens primordiais e dos arquétipos.

Os complexos são carregados de libido e têm, em sua origem, conflitos que se desenvolvem a partir de situações marcantes, no decorrer das diversas experiências vividas. Dessas experiências, resultam emoções que se juntam às imagens e ideias em torno de um núcleo arquetípico, formando os complexos. Estes estão associados ao dinamismo psíquico e, como tal, têm uma tonalidade afetiva, contribuindo de maneira importante em nosso comportamento. Não são, em si, patológicos e podem se desenvolver tanto em aspectos positivos como negativos. Eles fazem parte do psiquismo de todos os indivíduos e estão ligados, em seu valor, às questões que nos dão medo ou fascinam. No complexo há uma forte carga de energia que, frequentemente, inibe os propósitos conscientes. Quando está constelado, retira a liberdade do sujeito, que passa a agir orientado pelo complexo. Jung diz que “a liberdade do eu cessa onde começa a esfera dos complexos” (O.C., vol. VIII, §. 216, 1991). A severidade do complexo dependerá da quantidade de energia psíquica que nele estiver contida. Os complexos, além de servirem como recipiente para as experiências de forte carga emocional que estão afastadas da consciência, caracterizam-se, também, por conterem um componente arquetípico, isto é, inato, primitivo. Todo o complexo tem um núcleo arquetípico. Cada um atua a seu modo,

de maneira coerente ao conteúdo que carrega em si e, quando constelado, age em sua especificidade, levando ao ego informações carregadas de afetividade.

Jung (O.C., vol. VIII, 1989) conceituou a libido como “energia do processo vital em geral” (§ 290), que se mantém a mesma durante toda a vida do sujeito. Para o autor (O.C., vol. VI, 1986) o conceito de libido aproxima-se, em muito, do conceito de energia no campo da física, com as leis da causalidade, entropia, conservação da energia, etc. Para explicar sua ideia, o autor diz que o processo energético psíquico (libido) é movido pela vontade e vivenciado sob a forma de *appetitus*, o que nos levaria a tender para uma certa direção. O conceito de vontade é emprestado da filosofia de Schopenhauer, donde:

Todo o homem tem continuamente fins e motivos que regem a sua conduta e sabe em cada caso prestar contas das suas ações individuais. Mas perguntem-lhe porque deseja ou porque geralmente quer existir; não saberá responder, ou melhor, achará absurda a própria pergunta. E assim acabará por confessar não ser mais do que uma vontade... (Nicola, 2005, §. 376).

Daí libido como apetite, desejo, anseio ou impulso. Dessa forma, houve um distanciamento do conceito de libido de Freud, que a restringia à sexualidade, enquanto Jung a entende como um valor energético que pode se propagar a qualquer área, sem pertencer a um instinto específico (O.C., vol. VI, 1986). Jung passa a entender energia psíquica como finalista, que tende a transferir-se de um ponto a outro a fim de atingir um equilíbrio.

Conforme o autor, o inconsciente se comporta de modo a compensar o consciente. E, do mesmo modo, o consciente se comporta de forma complementar ao inconsciente. Jung vê a psique como um sistema dinâmico, em movimento constante, no qual correntes de energia cruzam-se continuamente. Em tensões diferentes e polaridades opostas, a libido se dá em progressão e em regressão. A progressão da libido é consequência da necessidade de adaptação ao meio, enquanto a regressão ativa os conteúdos do mundo interior. Isso acontece em função de o inconsciente ter uma finalidade e de objetivar a *manutenção do equilíbrio psíquico* (O.C., vol. VIII, 1991).

Equilíbrio é o que visa a psique. Entretanto, nem sempre esse equilíbrio é atingido. Há situações que interferem nesse sentido e, muitas vezes, impedem o equilíbrio de distribuição da libido.

Percebemos, nos casos em que há um movimento de introversão da libido, que esta fica represada em torno de ideias que estão vinculadas aos complexos. Jung (O.C., vol. V, 1986) afirma que “a libido voltada para dentro do indivíduo, retorna ao passado individual e, ao mundo das recordações, trazendo à tona aquelas imagens antigas” (§134) que revigoram o tempo da infância. Deste modo, o neurótico é pego em atitudes unilaterais e regressivas, acarretando *déficit* em sua capacidade adaptativa e o impedindo de lidar, de forma madura, com as exigências e dificuldades que a vida impõe. Esse funcionamento tende a cristalizar-se com o passar dos anos e pode causar importantes distúrbios na vida do sujeito.

A pessoa que chega à etapa adulta nessas condições desenvolve um receio muito grande ao confrontar-se com sua realidade objetiva. Enfrenta o mundo com atitudes *pueris* e fantasiosas, com as quais estabelece relação, em substituição ao comportamento adulto esperado. Sua tendência será a de manter-se preservado no mundo infantil da fantasia que foi anteriormente construída, percebendo-se incapaz de enfrentar o mundo externo. Quando o sujeito não consegue se libertar do ambiente da infância e dos pais, costuma reagir de acordo com o esperado para aquela fase. Identificado com a infância, é pego em atitudes regressivas. Pode, por um lado, comportar-se como uma verdadeira criança, com reações impulsivas e exigentes na busca de recompensas emocionais ou, por outro, exibe atitudes semelhantes às que percebia nos pais. Esta condição lhe deixa incapaz para viver sua própria vida e para descobrir sua real personalidade.

As atitudes unilaterais indicam certo grau de patologia que são compensadas pelo inconsciente como forma de corrigir a atitude do ego. A patologia está associada, muitas vezes, ao desequilíbrio existente entre o ego e o(s) complexo(s) e por uma falha (momentânea) na capacidade da psique para exercer sua função autorreguladora. Porém, julgamentos rápidos a respeito da psicopatologia são delicados. Nos sintomas neuróticos deparamos, com frequência, com uma tentativa de a psique chamar a atenção do indivíduo para o desequilíbrio que se expressa através destes. Os sintomas podem apontar, no sujeito, seus problemas emocionais mais importantes e, apesar de trazerem perturbações à consciência, possibilitam o reconhecimento do problema para uma posterior resolução.

Na esfera dos complexos o ego perde sua autonomia e, com ela, a capacidade de discriminar. Jung (O.C., vol. IV, 1989) acredita que a relação dos pais com a criança é o meio pelo qual a libido flui e retorna na vida adulta, quando o indivíduo se depara com

situações difíceis. Conforme o impacto da vivência infantil há grande possibilidade de, mais tarde, o adulto ficar preso a ela, girando em torno da constelação familiar. Nesse sentido, vemos que a atração exercida pelos complexos pode fazer com que a libido introverta e vá em direção às vivências e figuras significativas da infância. Simbolicamente, o sujeito reata a relação incestuosa com os pais, isto é, o sujeito fica emaranhado numa relação incestuosa com o inconsciente e, conseqüentemente, torna-se impotente para relacionar-se com o mundo.

Foi nesta questão, a respeito do incesto, que se deu a ruptura das relações entre Freud e Jung. Enquanto Freud tratava do tema de forma literal, Jung o encarava como um aspecto religioso e de significado espiritual, elevando, assim, o incesto à categoria de símbolo. Para Jung (O.C., vol. V, 1986):

...a base do desejo “incestuoso” não é a coabitação, mas a ideia de voltar a ser criança, retornar ao abrigo dos pais, penetrar na mãe para novamente dela nascer... O que se procura não é a coabitação incestuosa, mas o renascimento. (§ 332)

Desta forma, o incesto representaria uma tentativa de o indivíduo voltar ao lugar de origem – à Grande Mãe ou ao *Self* original - para poder reestruturar-se. Ao olhar mais superficial essa atitude poderia aludir um anseio pela permanência no paraíso da inconsciência. Mas, na verdade significa uma tentativa de o ego ferido buscar uma nova estruturação, já que:

A relação mais precoce da criança com a mãe possui um caráter único [...] Por isso, a experiência dessa fase, que deixa suas marcas em todo o desenvolvimento posterior, é de particular importância [...] constitui-se numa fonte de perene nostalgia, que pode ter no adulto um efeito tanto regressivo como progressivo. (Neumann, 1995, p. 14).

Quando, por algum motivo, o ego ficou ferido a libido fica regredida e, como no início da formação do ego, volta-se em direção ao *Self* – antes exteriorizado na mãe - para estruturar-se de forma sadia. Nossa experiência adulta necessita de um ego saudável, já que este é quem a organiza. Assim, o incesto simbólico torna-se ainda mais premente quando o ego adulto e ferido vê-se frente à situações desafiadoras, que lhe exijam uma adaptação ao *mundo real*. Mas, por não ter uma noção clara ao seu próprio respeito e, por estar regredido, o sujeito não discrimina e mantém-se inábil para vencer as exigências para ingressar na vida adulta. Deste modo, Jung passou a entender as fantasias de incesto

como uma forma de o sujeito “reformatar” o complexo do ego para que a libido possa fluir em direção a uma vida adulta criativa e autônoma.

Neste sentido, Neumann (1995) afirma que: “Simbolicamente, a relação do ego com o centro da totalidade é uma relação de filho. O centro da totalidade, ou *Self*, enquanto relacionado com o desenvolvimento do ego, encontra-se estreitamente ligado aos arquétipos parentais” (p. 10). Essa afirmativa corrobora a ideia de Jung sobre o incesto ser um retorno criativo ao mundo da mãe, como forma de retornar ao *Self* para, então tornar-se apto para integrar o arquétipo paterno, pois a figura paterna só pode ser internalizada quando o ego já está estruturado.

Conforme Jung (O.C., vol. V, 1986) o pai é o representante do mundo das normas e das regras, assim como, se opõe à impulsividade. “É este o seu papel arquetípico, que lhe cabe inexoravelmente...” (§396). Esse novo olhar sobre o incesto foi de extrema importância e levou o pensamento de Jung até o tema do sacrifício, fundamental para a transformação da libido e para a ampliação da consciência. Para Jung (O.C., vol. V, 1986) é a capacidade humana de pensar metaforicamente e de fazer analogias que produz um movimento natural para o sacrifício da satisfação dos instintos. Aqui, aplica-se a concepção de vontade de Schopenhauer, impulsionando a novas necessidades. É através do sacrifício que a libido se transforma, promovendo a ampliação da consciência e, por consequência, o surgimento de necessidades cada vez mais complexas e elaboradas.

Etimologicamente, sacrifício significa, no latim, (*sacar=sacra, sacrum*) sagrado, divino; e (*ficio=fáctum, féci, ère, opificio*) fazer, ofício; donde sacrifício diz respeito a um ato sagrado. No dicionário (Houaiss, 2001), o encontramos significando renúncia voluntária ou privação voluntária por razões religiosas, morais ou práticas. Jung (O.C., vol. V, 1986) considera a necessidade do sacrifício como o preço que pagamos para sermos adultos. Em algum momento na vida somos chamados ao sacrifício; precisamos renunciar a atitude infantil e neurótica em favor de outra que contenha um sentido. Fazer sacrifício é adquirir consciência.

O sacrifício não significa uma regressão, mas uma transferência bem sucedida da libido para o equivalente simbólico da mãe, e com isso para o plano espiritual. (O.C., vol. V, 1986, §398)

O sacrifício é ponto fundamental para o processo de individuação. Sem ele, o sujeito ficaria confinado à satisfação dos impulsos e desejos do ego, iludido com o paraíso da infância, preso à Grande Mãe e sem condições de integrar o pai. Como consequência,

haveria a *estase* psíquica. Para viabilizar o processo de individuação é fundamental que realizemos, conscientemente, tudo o que compreende nossa existência, ou seja, nossas necessidades, tarefas, deveres e responsabilidades. Como disse Jung, a individuação não isola, conecta. Conecta com o social e com as responsabilidades do convívio social.

...sacrifício só acontece numa total devoção à vida, quando toda a libido retida em laços familiares precisa sair do círculo estreito e ser levada para o grande mundo. (O.C., vol. V, 1986, §644)

2.1.2 COMPLEXO MATERNO

O complexo materno remonta a fase mais infantil e primitiva do ego e, em suas implicações pode atrapalhar ou até impedir a aquisição de uma identidade verdadeira, bem como o reconhecimento do indivíduo sobre si mesmo. A experiência que a criança tem da mãe é interiorizada como complexo. Quando ativo e inconsciente o complexo materno leva a uma fixação na mãe e acarreta impedimento de o sujeito seguir adiante em busca de sua auto-realização. O complexo materno pode manifestar-se de diferentes formas e com intensidades diversas, dependendo da experiência do sujeito e da cota de libido nele armazenada. Conforme Hollis (1997) a mãe é a ponte para o mundo material, da natureza e do corpo, assim como para o relacionamento do sujeito para com ele próprio e com o outro.

Em relação aos seus efeitos, Jung (O.C., vol. IX-1, 2000) esclarece que o arquétipo materno é a base para o complexo materno e que a mãe está ativamente presente na origem da perturbação. O complexo materno ocorre tanto no filho quanto na filha. Entretanto, seus efeitos aparecem de modo diverso quando se manifestam em um e em outro.

No homem o que é feminino lhe é estranho e tende a se localizar no inconsciente exercendo uma influência, que se torna maior pelo fato de estar escondida. Jung acreditava que o complexo materno no filho impunha maior complexidade, uma vez que envolvia uma identidade feminina, diferente da sua, e uma alusão ao modelo feminino que influencia a consciência do feminino no homem. Assim sendo, o homem tem que, primeiro, se separar para, somente depois juntar e organizar o feminino em si. Para o filho, essa é uma tarefa mais complexa do que para a filha, pois para ela não há a necessidade de separar-se da identidade feminina. Entretanto, apesar de a filha partir de uma matriz feminina e não precisar separar-se dela, muitas vezes encontra dificuldade em construir uma identidade pessoal em função de não conseguir se diferenciar da mãe, implicando em transformar-se em uma *Puella*. Na filha, o complexo materno pode se apresentar na forma de uma intensificação dos instintos provindos da mãe, ou na atrofia e, até

mesmo, na extinção dos instintos. No primeiro caso há a indiferenciação, isto é, a inconsciência ganha espaço na filha e esta não é capaz de construir sua própria identidade e reproduz a mãe em tudo; no segundo caso, uma projeção dos instintos sobre a mãe, para a qual fica entregue o cuidado e a pseudo-segurança sentida pela filha, gerando uma relação de dependência com a figura materna. De qualquer modo, em ambos os casos, há uma inconsciência, por parte da mulher, a respeito de si mesma. Outra variedade possível de complexo materno na mulher é o que Jung (O.C. vol. IX-1, 2000) chamou de exacerbação de Eros. Nesta categoria há uma diminuição importante do instinto materno, o que segundo o autor, leva a filha a uma relação incestuosa com o pai e de repulsa com a mãe, situação que é provocada pela ênfase exagerada sobre a personalidade do outro. Na vida adulta, uma mulher que tenha desenvolvido esse tipo de complexo, tenderá a buscar relações com homens casados, não por eles, mas no sentido de perturbar o casamento e agredir ou roubar a mãe, a quem vê como muito poderosa. Ao conquistar seu objetivo, por falta de condições de ser uma mulher de verdade, perde o interesse e uma nova busca é iniciada. A busca pelo homem casado se presta apenas como uma competição com a mãe. A identificação com a mãe é outra possibilidade do complexo materno. Nesse caso, devido a um bloqueio da própria iniciativa do feminino, a filha projeta sua personalidade sobre a mãe em razão de estar inconsciente de seu mundo instintivo materno e de seu Eros. A filha tende a supervalorizar e a idealizar a mãe como modelo e, inevitavelmente, passa a experimentar sentimentos de inferioridade. Na vida adulta, são mulheres que vivem uma existência à sombra de alguém, inconscientes de si; no casamento captam as projeções masculinas para a total satisfação do homem em detrimento de suas necessidades pessoais, são projeções da anima do homem. (Jung, O.C. vol. IX-1, 2000). São mulheres que desenvolvem uma persona feminina e identificam-se com ela, mas lhes falta um ego estruturado. Não sabem quem são ou que querem, pois apenas desempenham um papel esperado pelos homens.

Há, ainda, em um estágio intermediário, o que Jung (O.C. vol. IX-1, 2000) chamou de defesa contra a mãe, isto é, uma defesa contra a supremacia da mãe, na qual, vale qualquer coisa, exceto ser como é a mãe. Esse é um caso típico do complexo materno negativo. A filha luta para não ser como a mãe, no entanto não sabe quem é ela própria e, nesse conflito, permanece inconsciente a respeito de sua própria personalidade. Seus instintos concentram-se na defesa contra a mãe e, desse modo, há prejuízo na construção de uma identidade autêntica e da autonomia. A resistência contra a mãe pode manifestar-

se sob a forma de distúrbios da menstruação, dificuldades para engravidar ou repulsa pela gravidez, falta de interesse por tudo o que representa família e convenções. Em contrapartida, há uma compensação desta atitude para um investimento na vida racional, objetivando a criação de um espaço onde a mãe não possa existir, com a ênfase em seus masculinos e na ruptura do poder materno através da intelectualidade. Assim, vê-se que o complexo materno negativo na mulher a mantém indiferenciada, apartada de sua vida instintiva e incapaz de reconhecer suas próprias necessidades.

Jung (O.C., vol. IX-1, 2000) aponta como efeitos do complexo materno negativo no homem o *donjuanismo*, a homossexualidade e a impotência. Hollis (1997) enfatiza o complexo materno negativo como responsável pela incapacidade do homem em reconhecer seu valor e de confiar nas pessoas, o que desenvolveria uma personalidade submissa e temerosa, i. é, um falso *eu*. Von Franz (1981) e Hilmann (1998) acrescentam a personalidade *puer* como efeito do complexo materno negativo.

2.2 A PERSONALIDADE *PUER*

Puer Aeternus é o nome de um deus da antiguidade, um *deus-criança*, advindo da obra *Metamorphoses*, de Ovídio (apud Von Franz, 1981). No mito *Puer* é “o deus da vida, da morte e da ressurreição - o deus da juventude divina. O título *puer aeternus*, portanto, significa *juventude eterna*” (p.9), mas também é, frequentemente, usado para identificar pessoas que levam suas vidas como adolescentes. O arquétipo do *puer aeternus* pode constelar tanto nos homens quanto nas mulheres. Quando a personalidade da mulher for influenciada por este arquétipo estaremos lidando com a estrutura psicológica da *puela*, o equivalente feminino do *puer*.

Com o *Puer* constelado o sujeito passa a agir imatura e descomprometidamente com as coisas a sua volta. Com tal atitude, não consegue dar forma ou perseverar em seus empreendimentos, pois a fantasia predomina. Quando o eterno adolescente impera e se torna o regente da atitude, alimentando as fantasias do ego, a estagnação ameaça a vida. Jung (OC., 1991, §310) ressalta que “é importante para a meta da individuação... para a realização do Si-mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser” do que realmente é. Identificado com o arquétipo do *Puer* o *eu* permanece iludido acerca de si próprio; indiferenciado e inflado (Werres, 2008).

Entretanto, o *Puer* tem seus aspectos positivos e negativos. *Puer* reina no aéreo, liga-se ao espírito e tem sua direção vertical, para cima, para fora do chão. *Puer* carrega o impulso e o movimento.

Conforme Hillman (1998) *Puer* representa a necessidade de busca do espírito gerador, a capacidade de gerar, isto é, de trazer a renovação à vida, ressignificando o que estava dado. *Puer* é, muitas vezes, representado pela criança divina, a qual simboliza um novo espírito, nascido de um espírito velho. *Puer* traz ânimo e desafios no âmbito das ideias, bem como, promove transformações na visão de mundo. Em seus aspectos negativos, evidencia dificuldade em dar forma às coisas e teme se ligar a qualquer situação. Há, nele, uma grande resistência em se prender e de fazer parte das questões objetivas que envolvam tempo e espaço.

Evita situações das quais seja impossível sair. Ele não se compromete com as situações do mundo, mas apenas “gira ao redor da terra, tocando-a de vez em quando, iluminando aqui e ali” (Von Franz, p. 15, 1981).

No que diz respeito à personalidade *Puer*, vemos adolescentes eternos, em uma relação hedonista com a vida, sem um compromisso verdadeiro com a transformação de si próprios ou da realidade que os cerca. O *Puer* que é impaciente e que não gosta de sentir-se sobrecarregado pela responsabilidade, muitas vezes, perde o contato com a realidade. Independente do gênero o problema do *puer* é, basicamente, o mesmo: lidar com a realidade, ou como alude Von Franz (1981), “tocar a terra”.

Von Franz (1981) salienta que o *puer*, na condição de apego com a mãe e sob o efeito de um complexo materno negativo pode apresentar distúrbios como o homossexualismo e o *donjuanismo*. A autora alude a ideia de que:

Ele procura uma mãe-deusa, portanto, cada vez que se apaixona por uma mulher, mas logo descobre que ela é um ser humano comum. Por ter sido atraído por ela sexualmente, toda paixão de repente desaparece e ele decepciona-se e a deixa, apenas para projetar a imagem novamente em outra mulher, sempre repetindo a mesma história. Eternamente sonha com a mulher maternal que o tomará nos braços e realizará todos os seus desejos. Isto é frequentemente acompanhado pela atitude romântica da adolescência (p. 10).

Nosso cenário humano atual abunda desse comportamento. As relações, frequentemente, se dão de forma superficial e passageira. Vemos homens e mulheres em busca de prazer e diversão sem disponibilidade para o aprofundamento do vínculo afetivo. No primeiro conflito ou decepção, partem em busca de novas e prazerosas sensações. Dessa maneira instala-se uma voracidade pelo receber o prazer e viver, somente, o bem estar, sem uma preocupação ou interesse em fazer qualquer tipo de sacrifício pela relação.

Na condição de arquétipo o *Puer* divide seu espaço com o *Senex* na polaridade oposta. Numa relação ideal entre estas duas polaridades arquetípicas, teríamos *Senex* e *Puer* em equilíbrio permitindo que os fatos se transformem em experiência e a realidade seja vivida criativamente, abrindo espaço para a transformação do que é velho - e se tornou senil - em novas possibilidades, conduzindo ao amadurecimento e à ampliação da consciência. Uma consciência ampliada é instrumento fundamental para a autonomia do homem uma

vez que, desta maneira, ele se desvencilha da mente coletiva e, assim, tem condições de discriminar e de fazer escolhas mais autênticas, gerenciadas por suas reais necessidades.

Em sua polaridade positiva *Senex* domina o mundo horizontal, a realidade regida pelo tempo e espaço. *Senex* está ligado à alma, traz consigo a história, está ligado à reflexão, à ponderação, aos limites fixos e ao ensaio humano. Ele dá corpo, coagula a experiência e, ligado aos primórdios da vivência humana, é testemunho de nossa falibilidade. O arquétipo do *Senex* pode levar à capacidade discriminatória, advinda da contemplação, o que traria um equilíbrio a sua contrapartida arquetípica *Puer*.

Sabemos que o equilíbrio psíquico só é possível se os diversos aspectos que fazem parte da psique puderem manifestar-se. Ao haver uma identificação, por parte do eu, com uma das polaridades de um arquétipo ocorre uma cisão com a polaridade arquetípica complementar. Esta situação desencadeia um desequilíbrio psíquico, no qual o sujeito fica submetido aos efeitos negativos da unilateralidade, levando-o a fazer construções reduzidas sobre si e sobre tudo o que está a sua volta. Jung sustenta a ideia de que “quando a vida, por algum motivo, toma uma direção unilateral, produz-se no inconsciente, por razões de auto-regulação do organismo, um acúmulo de todos aqueles fatores que na vida consciente não puderam ter suficiente voz nem vez” (O.C., vol. X, 1993, §20). O autor considera a influência do inconsciente sobre a consciência como compensação e complementação, na medida em que é capaz de acrescentar à consciência aquilo que se torna impeditivo e leva ao ressecamento e ao entorpecimento, numa direção unilateral. Vemos que, uma vez que haja a necessidade de equilíbrio, o inconsciente entra em ação e se comporta de modo complementar ao conteúdo consciente. A identificação com o arquétipo é um empecilho para a individuação, por isso o inconsciente tende a compensar a atitude da consciência que se tornou unilateral.

Puer tem aspectos duais, positivos e negativos. Em suas cartas, Jung (2001) esclarece que:

Psicologicamente (*puer*) é uma figura arquetípica que, em sentido positivo, representa uma força psíquica criativa, enquanto o aspecto negativo indica o si-mesmo preso no inconsciente e que não se realiza na prática. O desenvolvimento bloqueado depende muitas vezes de uma ligação muito estreita do filho com a mãe (p. 98).

Hillman (1998) afirma que as características negativas do *puer* se dão a partir da neurose, o que obscureceria o pano de fundo arquetípico e com o espírito. Doravante serão considerados os aspectos negativos do *puer* como ilustração ao objetivo deste trabalho.

Conforme mencionado anteriormente, quando o homem ou a mulher está identificado com o arquétipo do *puer* encontram grande dificuldade em organizar as questões práticas de suas vidas. Como resultado da imaturidade ambos encontrarão dificuldade em assumir as responsabilidades que a vida impõe, como trabalhar, estabelecer relações profundas e com intimidade, bem como construir uma família, ou levar qualquer questão importante à sério. Da mesma forma, sua criatividade poderá ficar embotada, o que implicará em um reforço da neurose. De forma a amenizar o problema do *puer* Von Franz (1981) sugere que o homem desenvolva a paciência, de forma a persistir em questões referentes à realidade, “O que é realmente importante é ele perseverar em alguma atividade. [...] O que importa é que ele faça algo do princípio ao fim, seja lá o que for (p. 35)”. No que tange o problema do *puer* na mulher, a autora, além da sugestão mencionada ao homem, aponta para a importância da maternidade, uma vez que “A criança torna a relação mais definitiva. Portanto, esse é um rumo que as coisas podem tomar no caso das mulheres. Ter filhos significa muito trabalho, trabalho regular e às vezes bem monótono (p.19)”. Em ambos os casos a perspectiva de cura está ligada ao envolvimento que o *puer* venha a ter nas questões que disserem respeito às exigências que a vida apresenta.

3. DISCUSSÃO

Para melhor ilustrar a problemática da personalidade *puer* e do complexo materno passamos, nesse momento, a apresentar alguns recortes clínicos. Foram escolhidos três adultos na meia idade e que tem em comum, além da personalidade do tipo *puer*, traços depressivos.

OMITIDO PARA PRESERVAR O PACIENTE

A dinâmica psíquica do *puer*, em sua polaridade negativa, parece gerar sujeitos totalmente inseguros. Veem-se impotentes frente aos conflitos e aos desafios que a vida adulta apresenta. Olham para o trabalho e para os relacionamentos amorosos com desconfiança e medo, como se fossem situações intransponíveis. Concomitantemente, desenvolvem argumentos para justificarem a evitação às responsabilidades que deveriam estar assumindo:

C.C.1 – “As mulheres são todas iguais. São más e desprezam o homem. Relação não é para mim, já aceitei isso”.

C.C.2 – “Preciso investir em cursos, ensaiar, investir na carreira artística, pois quero ser famosa e reconhecida”.

C.C.3 – “Vou fazer cursinho e prestar vestibular para medicina. Só o médico é reconhecido, ganha muito dinheiro e faz pouco esforço”.

A fantasia sobrepõe-se à realidade e mantém o *puer* longe do chão e imerso em seus devaneios. O trabalho é sentido como um fardo desagradável, as relações não inspiram confiança e não há entrega ou envolvimento com algo além da fantasia. Essa forma de o *puer* orientar sua vida causa-lhe muito sofrimento. Ainda bem! Não é sem dor que ele tece e reforça seus argumentos para evitar crescer. Aliás, o crescimento também implica dor. O *puer* sofre a dor da aridez de sua vida e teme a dor do crescimento. Ele fica preso, crucificado entre a dor e o medo. Enquanto a tensão entre esses opostos for equivalente a estagnação permanecerá. É preciso um *quantum* a mais de energia psíquica em direção à vida adulta para que a dinâmica do *puer* se afrouxe e dê lugar à maturidade.

Mas, o que poderia propiciar o incremento na maturação da personalidade *puer*?

As defesas do *puer* são potentes e espessas. O sofrimento as construiu e o medo, no decorrer de sua experiência de vida, as reforçou. Simultaneamente, construiu um mundo fantástico de fantasias, no qual se embebe e sente-se à vontade, para escapar de sua pobre realidade. Não obstante esse mecanismo olha as pessoas, que construíram uma vida organizada e diferente da sua, com uma ponta de inveja. Essa inveja daquilo que é diferente e estranho pode ser uma ponte para que o *puer* adquira a coragem de transpor seu estado infantil.

A fantasia é inerente à psique. É a linguagem da alma. A curiosidade com aquilo que é estranho e diferente pode despertar no *puer* novas fantasias, levando-o, aos poucos, a diminuir seu receio do mundo adulto. Gradualmente, e na medida em que o medo

arrefeça, o *puer* estaria trocando a fantasia do mundo vertical pela fantasia do mundo horizontal, i. é, a fuga e a evitação pelo envolvimento com a concretude da vida.

Nos três casos clínicos citados o processo de análise levou os sujeitos – ainda embrionariamente – a tangenciarem essa aproximação com o mundo adulto. No caso 1 o analisando fez uma transferência amorosa com a analista. No decorrer do processo de análise essa transferência obteve resultados positivos na forma de o analisando encarar a figura feminina e as possibilidades de relações mais amorosas e simbólicas e menos limitadas apenas ao sexo. Inicialmente o sujeito 1 procurava apenas travestis para manter relações sexuais, dizendo que gostava de subjugar-los. Decorrido algum tempo de análise confessou ter ficado com vergonha da terapeuta e passou a relacionar-se com prostitutas. Neste caso, houve uma diminuição no evitamento da figura feminina e, mesmo que ainda sem envolvimento, ele conseguiu aproximar-se de uma mulher para o ato sexual sem apresentar impotência.

No caso 2, a analisanda demonstrou muita ansiedade ao assumir um compromisso com o último namorado. Quando ele adoeceu e ela foi demandada por ele, foi possível começar a mostra-lhe no processo de análise o quanto o fascínio pela fantasia a estava impedindo de saber o que realmente sentia pelo homem com quem estava envolvida. Somente quando ele estava com a doença já muito avançada ela foi capaz de olhar mais de perto o que aquele homem significava em sua vida. Ela estava tão distante da realidade daquela situação que, nem sequer, falava ou levava em consideração a possibilidade de perdê-lo. Foi sugerido, durante a análise, que conversasse com o médico para saber sobre o prognóstico da doença, o que ela fez. Uma semana após isso ele morreu. Quando ela precisou se envolver com a parte prática que envolveu a morte do companheiro houve um afastamento da fantasia e um pequeno amadurecimento que a fez lidar com questões práticas que nunca havia entrado em contato. Gradualmente ela começou

a entrar em contato com seus sentimentos e a ter uma noção mais clara a respeito do significado da relação que havia vivido superficialmente.

No caso 3 o paciente começou a aproximar-se, timidamente, de sua profissão quando a analista começou a lhe fazer perguntas, mostrando interesse e valorizando a atividade que envolvia sua carreira. Ele tomou a iniciativa de sublocar uma sala para retomar o trabalho, mas o entusiasmo não durou muito tempo.

Em relação à sua dificuldade de manter-se fiel, somente após o último episódio de infidelidade, foi possível trabalhar esse tema na análise, pois a namorada estava decidida a romper o relacionamento. O paciente mostrou-se muito ansioso e com verdadeiro temor em ser deixado. Neste momento a terapeuta teve a oportunidade de associar a emoção aflorada do paciente com seus temores infantis, ajudando-o a discriminar seus sentimentos pela mulher, que neste momento se propunha a relacionar-se com ele. Ele pode vislumbrar que o que entendia como impulso era fruto de suas escolhas infantis, que poderiam acabar com qualquer possibilidade de um relacionamento maduro.

A ferida narcísica do *puer* está associada à relação que estabeleceu com a figura materna. Nos casos clínicos citados vemos que a má qualidade na relação mãe/filho desencadeou, nesses sujeitos, insegurança no enfrentamento da vida adulta e um forte medo do abandono, o que os impele a evitar o envolvimento amoroso como forma de se protegerem de novos sofrimentos. Entretanto, percebemos que, nos três casos estudados, foi através de uma relação amorosa que houve um pequeno avanço em direção ao amadurecimento.

4. CONCLUSÃO

Vemos que, em todos os exemplos citados temos típicos *puer aeternus*, pessoas adultas com um comportamento infantil e extrema dificuldade em assumirem as responsabilidades de um relacionamento afetivo e de fazerem qualquer sacrifício em direção à vida adulta.

Quando nos reportamos ao sacrifício e ao processo de individuação estamos no campo do sagrado, do numinoso e da busca de significado para a experiência humana. Por outro lado, quando a percepção fica tolhida pela fixação na estreita falácia parental o sujeito é capturado pelo movimento circular da neurose e, perde o alcance para o vislumbre das metas que o levariam a um processo maior ou de individuação. A ideia não é o abandono do passado. Mesmo porque, por mais dolorosa que tenha sido a experiência, é impossível nos libertarmos da infância e da nossa história pessoal. Entretanto, fazem-se necessário ressignificarmos os fatos vividos, a partir do entendimento deles, como uma necessidade.

O reconhecimento da necessidade nos remete a Ananke. Hillman (1997) fala-nos de Ananke como a Grande Senhora do Mundo Subterrâneo, que atrai todas as coisas e patologiza a vida. Esse mito expressa a ideia de que na patologia a psique é conduzida para a profundidade do Mundo Subterrâneo através de uma necessidade (Ananke). A patologização da vida provoca desacomodação, na qual o paraíso fica comprometido. A necessidade precisa ser vivenciada e não tem uma imagem específica, pois pode se apresentar em diversas formas. As fantasias, por exemplo, carregam imagens que portam nossas necessidades. O autor faz uma interpretação de Parmênides, sob um olhar psicológico e descreve que as questões mais autênticas de nossa alma são aquelas que não se movem e, é justamente na fixidez do campo psíquico que atua a necessidade. Assim, vemos que pela fixidez da neurose o sujeito é compelido a encarar as questões que põem em cheque e impedem o andamento de sua vida. As vivências infantis podem levar o indivíduo à neurose, na qual ou ele fica identificado com o aspecto negativo da experiência, ou ascende a um nível de consciência mais elaborado, a partir do entendimento e da ressignificação de sua história.

Para que a fixidez não aniquile a vida criativa do sujeito a psique, visando um equilíbrio, entra em movimento. Eventos significativos costumam ocorrer nesses momentos e ativam elementos psíquicos que trazem um dinamismo ao mundo interno. Uma vez constelado o arquétipo do *Senex* - representante do mundo do pai - o *puer* será beneficiado com maior capacidade discriminatória e maiores condições de coagular a experiência e de se envolver com questões que impliquem responsabilidade.

Nos exemplos clínicos citados vimos sujeitos fixados no mundo da mãe. Essa proximidade ao mundo materno remete o *puer* a uma vida árida, o que lhe causa sofrimento. Esse sofrimento pode mantê-los perdidos no mundo infantil em busca do amor e do reconhecimento materno, no qual ficarão ruminando suas derrotas, ou poderá impulsionar-lhes para um amadurecimento e para fora da intimidade com a mãe, dando-lhes condições de construir sua autonomia.

Conforme referido anteriormente os três sujeitos apresentam traços depressivos, que são mascarados por atitudes compulsivas, numa tentativa de fugir da dor. Nos três casos o arquétipo do *Senex* pode estar ativando, por compensação, uma depressão, para que haja a possibilidade de um amadurecimento e como medida contra as demandas excessivas da atitude impulsiva, descomprometida e regressiva. A depressão se instala como uma espécie de chamado interno. Vidas sem sentido despertam a depressão, ela vem então, em auxílio da alma, apertando, puxando para baixo até o *fundo de o poço ser* percebido, para que o sujeito volte à tona trazendo consigo novos elementos. Fica a esperança de que a sabedoria psíquica esteja compensando a falta de sentido, a inconsciência e o imediatismo do *puer* através da depressão. Ela é necessária para que o *puer* transponha a fase infantil para uma nova etapa de amadurecimento psíquico.

Essa ideia afina-se com o que Jung diz sobre a perspectiva teleológica, isto é, que a nossa vida tem um sentido, orientado para determinado fim. Assim, se houver uma atenção voltada para o entendimento de sua história - com suas dores e dissabores - como uma necessidade para que possa construir uma identidade particular e genuína, haverá para o *puer* uma possibilidade de livrar-se da imobilidade psíquica, conquistando, numa atitude de abertura, uma relação de entrega criativa com o *Self*, para que este possa realizar-se. O essencial é haver um relacionamento entre os conteúdos inconscientes e a consciência, para que seja feita uma substituição do incesto concreto para a aquisição de significado, através do entendimento do incesto simbólico.

Pois, o que além da consciência, nos torna humanos? O que, além da consciência, nos permite discriminar nossas necessidades, diferenciar as partes para construir o todo? O que, além da consciência, pode despertar o homem e trazê-lo à responsabilidade com sua própria alma e para com sua vida?

Jung (O.C., vol. VIII, 1991) registra que “é ao crescimento da consciência que devemos a existência de problemas; eles são o presente de grego da civilização. É o afastamento do homem em relação aos instintos e sua oposição a eles que cria a consciência” (§ 750). A consciência nos faz reconhecer os problemas. Mas, não enxergar os problemas não significa a inexistência deles. Enxergar o problema é, em potencial, poder transformá-lo e conferir-lhe um sentido. É através da transformação da energia psíquica e da formação de símbolos novos, que se processa o desenvolvimento da psique humana.

Permanecer na inconsciência é alimentar a neurose e, ao neurótico é impossível encontrar bem-estar no presente e significado no porvir, pois está encarcerado no passado.

Observamos, também, que a dinâmica psíquica dos pacientes *puer* sofreu alguma alteração quando uma figura representativa de anima/us foi constelada através das relações amorosas que passaram a cultivar. O fato de começarem a nutrir um vínculo afetivo afastou-os um pouco do mundo da mãe e, assim, puderam minimizar, em alguns pontos, suas atitudes e reações infantis. Houve, a partir disso, um sacrifício de seus comportamentos pueris habituais para poderem comprometer-se consigo próprios e com questões relacionadas à vida adulta de maneira mais apropriada.

É do conhecimento de todo o estudioso das obras de Jung a importância que ele atribuiu aos elementos psíquicos da anima e do animus. Jung (O.C. vol. IX-1, 2000) afirma que:

...a anima é sempre o a priori de humores, reações, impulsos e de todas as espontaneidades psíquicas. Ela é algo que vive por si mesma e que nos faz viver; é uma vida por detrás da consciência, que nela não pode ser completamente integrada, mas da qual pelo contrário esta última emerge (§. 37).

No homem a primeira projeção do arquétipo do feminino acontece com a mãe, que influenciará a sua anima. Desta forma, a relação com a imago materna influenciará a expressão da anima no homem. Von Franz (2000) menciona que a anima assume um papel de guia entre o mundo interno e o *Self*, sendo a porta-voz para este, que por sua vez, rege o processo de individuação. Da mesma forma o animus, na mulher, tem sua origem no pai, mas pode sofrer influências do animus da mãe. O animus, tal como a anima, assume um

papel de psicopompo e é o elo de ligação entre o inconsciente e a consciência. Nas mulheres, o animus, atua como um ímpeto para a ação e em sua capacidade de julgamento e discriminação. “A tarefa do animus ... é conduzir a mulher até o alcance de uma consciência diferenciada e discriminadora, algo que lhe é severamente necessário” (Wehr p. 31). Anima e animus são figuras regentes do mundo das relações com o mundo interno e o mundo externo e do processo de individuação.

Podemos, então, entender que a dinâmica da personalidade *puer* poderá sofrer modificações, no sentido de um amadurecimento psíquico, devido a três fatores principais: a vivência de uma relação afetiva que possa lhe afastar do mundo da mãe; o sacrifício do mundo infantil pelo envolvimento com alguma causa ou questão e a consciência da importância de sua responsabilidade para com a construção de sua vida adulta, i. é, a integração do arquétipo do pai. Durante o processo de análise os pacientes *puer*, acima citados, demonstraram um amadurecimento psíquico devido ao olhar mais aprofundado em torno dessas questões.

O trabalho analítico propiciou a esses indivíduos uma aproximação da polaridade complementar do *puer*. A demanda da análise, muitas vezes, os levou a lidar com limitações e imposições da vida adulta. Fosse pelas imposições de horários e honorários, na relação transferencial ou, ainda no serem conduzidos para um olhar mais atento sobre si próprios, isso propiciou a ativação do *Senex*. *Senex* é um representante do mundo do pai e durante o processo de análise foi projetado na analista, que serviu como uma ponte para uni-los ao mundo adulto.

A importância de o homem conhecer-se para amadurecer psicologicamente é a meta da análise. A ativação do arquétipo do *Senex* positivo - aquele que guarda os segredos e que adquiriu a sabedoria pela contemplação – impulsiona o *Puer* para sua polaridade positiva, despertando o espírito inovador e gerador do novo. *Senex*, na polaridade positiva, pode levar à morte do que está ativado negativamente e do que se tornou rígido e emperrado no funcionamento psíquico, dando espaço para que o *Puer* positivo, o espírito renovador, possa se envolver e promover mudanças.

A integração da polaridade *Senex*, suscita no *Puer* uma nova dinâmica e o move a desafios mais profundos e complexos, em direção à responsabilidade de gerar a si próprio a partir da remodelação da própria vida. Para que no *Puer* ganhem espaço as novas possibilidades, para que se liberte da vida provisória e de fantasias, é necessário que ele aprenda mais

sobre si mesmo através da observação do vazio que seu descomprometimento vem deixando a sua volta. Essa condição é dada pelo arquétipo do *Senex*.

Viver com alma, buscar o equilíbrio, olhar para trás sem ficar preso é aprender com os equívocos da experiência. Entender a necessidade da transformação é amadurecer na atividade humana. Contemplar e discriminar torna o *Puer* mais apto para arriscar se envolver e dar forma às questões relevantes em sua vida. (Werres, 2008)

5. BIBLIOGRAFIA

- BOECHAT, Walter. *A mitopoese da psique: mito e individuação*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HILLMAN, James. *Encarando os deuses*. São Paulo: Pensamento, 1997.
- HILMAN, James. *O livro do Puer: ensaios sobre o arquétipo do Puer Aeternus*. São Paulo: Paulus, 1998.
- HOLLIS, James. *Sob a sombra de Saturno: a ferida e a cura dos homens*. São Paulo: Paulus, 1997.
- Instituto Antônio Houaiss. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001. (CD-ROM).
- JUNG, Carl Gustav. *A dinâmica do inconsciente*. Vol. VIII. Petrópolis: Vozes, 1928/1991.
- _____. *A vida simbólica*. Vol. XVIII-2. Petrópolis: Vozes, 1935/2000.
- _____. *Cartas*. Vol. I. pág. 98. Carta de 23 de fevereiro, 1931. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *Estudos sobre psicologia analítica*. Vol. VII. Petrópolis: Vozes, 1942/1991.
- _____. *Freud e a Psicanálise*. Vol. IV. Petrópolis: Vozes, 1909/1989.
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Vol. IX-1. Petrópolis: Vozes, 1934/2000.
- _____. *Psicologia em transição*. Vol. X. Petrópolis: Vozes, 1918/1993.
- _____. *Símbolos da Transformação*. Vol. V. Petrópolis: Vozes, 1911/1986.
- _____. *Tipos Psicológicos*. Vol. VI. Petrópolis: Vozes, 1921/1991.
- NEUMANN, Erich. *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- NEUMANN, Erich. *A criança*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- NEUMANN, Erich. *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.
- SALLES, Carlos Alberto. *Teoria dos complexos: a função teleológica da psique*. mar. 2003. Disponível em: <http://br.geocities.com/icgimg/port_biblioteca.html>. Acesso em: 18 jul. 2008.
- SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

VON FRANZ, Marie-Louise. *Puer aeternus: A luta do adulto contra o paraíso da infância*. São Paulo: Paulus, 1981.

VON FRANZ, Marie-Louise. (2002) *Anima: o elemento feminino*. O Processo de individuação in JUNG, C. G. (et al) "O Homem e seus Símbolos". Tradução de Maria Lúcia Pinho, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 177-188.

WEHR, Demaris. Animus: O Homem Interior. In: *Espelhos do Self*. São Paulo: Cultrix, 1998.

WERRES, Joyce. Na contemporaneidade. In: Dulcinéia Monteiro. *Puer-Senex: dinâmicas relacionais*. Petrópolis: Vozes, 2008.